

Como tocar corações e mentes

Biografias e livros sobre música ganham cada vez mais espaço nas livrarias brasileiras

Antônio Carlos Miguel

Enquanto o mercado de discos continua em queda livre — com (ex)consumidores trocando CDs por tocadores de MP3 e suas canções baixadas da Internet — o de livros vive um *boom* de biografias, autobiografias e ensaios sobre música. O sucesso de "Vale tudo — O som e a fúria de Tim Maia" (Objetiva), escrito por Nelson Motta (misto de testemunha e co-protagonista dessa história) e encabeçando as listas dos mais vendidos, volta a provar que esse é um ótimo filão.

Vidas (e mortes) recheadas de emoções têm público certo, como também confirmam os recentes livros de dois gênios da guitarra: "Jimi Hendrix — A dramática história de uma lenda do rock" (Jorge Zahar), biografia da jornalista Sharon Lawrence, amiga e confidente do músico; e "Eric Clapton — A autobiografia" (Planeta do Brasil), na qual o *popstar* inglês, além de sua trajetória artística, conta em detalhes seu mergulho nas drogas.

Morte de Hendrix não foi plenamente esclarecida

Dramas pessoais reforçam o interesse dos três exemplos musicais acima. O mérito de Nelson Motta foi dosar em seu relato o genial músico que Tim Maia foi com o ser humano irresponsável, inconseqüente e, às vezes, mau caráter. Em março passado, outro amigo e parceiro do Síndico, o cantor paraguaio Fábio (de efêmero sucesso nos anos 1960 e 70),

num livro oportunista, "Até parece que foi sonho", preferiu investir no festival de baixarias que Tim colecionou em seus 55 anos de vida.

Hendrix viveu pouco — morreu, em 18 de setembro de 1970, aos 27 anos, provavelmente sufocado em seu vômito, devido à mistura de vinho e remédios para dormir, e não exatamente por causa de uma overdose de drogas, como foi alardeado na época — mas intensamente. Entre 1967 (ano em que, levado para a Inglaterra, lançou seu primeiro disco solo) e 1970, reinventou a guitarra, incorporando distorções e demais ruídos que, até então, eram entendidos como defetos. Além de revolucionário instrumentista, foi compositor e cantor original, de forte presença cênica, cuja obra ainda influencia novas gerações.

Clapton relembra sua passagem pelo inferno

Quando Hendrix desembarcou em Londres, muitos dos então reis da guitarra pensaram em trocar de instrumento. Eric Clapton, na época chamado de Deus pelos fãs, foi um deles, como relembra agora. De certa forma, ele também se reinventou. Nos anos 1970, trocou os longos solos baseados no blues, que marcaram seu grupo, Cream, por um formato mais pop, e, artisticamente, irregular.

O trajeto musical de Clapton tem como contraponto uma vida fértil em histórias. Entre elas, a paixão por Patti Boyd, mulher de seu melhor amigo, o beatle George Harri-

son, e inspiradora do clássico "Layla"; a morte do filho de 4 anos, Conor, que, em março de 1991, caiu da janela do apartamento de sua mãe em Nova York (a modelo Lorri Del Santo), homenageado na balada "Tears in heaven"; e a longa batalha para se livrar da heroína e, em seguida, do álcool.

Nesse festival de livros sobre música há lugar também para ensaios e memórias de gente com importante atuação nos bastidores. Como o delicioso "Música nas veias" (Editora 34), do jornalista, radialista, pesquisador, produtor musical e também, como ficamos sabendo num dos primeiros textos do volume, contrabaixista Zuza Homem de Mello. Ele, que, pela mesma editora (com uma ótima coleção dedicada à música, coordenada pelo crítico Tárk de Souza), lançara os fundamentais "A era dos festivais" e "A canção no tempo" (este em dois volumes, ambos em parceria com Jairo Severiano), volta ao seu período de formação. Como o capítulo "An Impression of Jazz

in New York", focando os anos de 1957 e 58, quando estudou nos EUA e conferiu *in loco* mestres como Duke Ellington, Ella Fitzgerald, John Coltrane, Miles Davis, Billie Holiday, Ray Charles, Betty Carter, Dizzy Gillespie, Zoot Sims, Chet Baker, Charles Mingus...

Contemporâneo de Zuza, o produtor musical Fernando Faro é homenageado em "Baixo" (seu apelido), livro editado pela Fundação Padre Anchieta. Aos 80 anos, e ainda em atividade, Faro é, entre ou-

tras coisas, o criador do programa "Ensaio", da TV Cultura, que, desde os anos 1970, produz preciosos documentos da música popular brasileira. Nos últimos dois anos, muitos desses programas têm sido editados em DVD pelas gravadoras, garantindo uma sobrevivência à combalida indústria.

Ou seja, a música continua nos embalando, em todos os formatos, e, agora, até silenciosa, em livros. ■



Antonio Nery/31-03-89



ERIC CLAPTON (no alto, à esquerda, na época do Cream, em 1967), conta em sua autobiografia como sobreviveu aos excessos. Sorte que Jimi Hendrix e Tim Maia não tiveram, como revelam dois livros escritos por amigos próximos, respectivamente a jornalista Sharon Lawrence e o escritor-produtor-jornalista-compositor Nelson Motta

Muitas histórias de vida

Oscarito, Grande Otelo, Einstein, Rubem Braga: um variado filão editorial

Reprodução



OSCARITO: sua trajetória de vida é contada por Flávio Marinho

• Não só de música, obviamente, sobrevive o disputado (e bem-sucedido) filão das biografias. Nos últimos tempos, um dos sucessos de livraria no país tem sido a coleção Perfis Brasileiros, da Companhia das Letras, em que saíram pequenas biografias de personalidades como Castro Alves, Dom Pedro I e Dom Pedro II. Neste fim de ano, publica-se mais um volume, sobre Joaquim Nabuco, escrito por Angela Alonso. Mas a variedade nesta seara é grande. Quem gosta de cinema, e mais especificamente da memória do cinema brasileiro, pode ler as biografias escritas sobre dois ícones da nossa cultura: Oscarito e Grande Otelo, parceiros de pornochanchadas. A vida do primeiro é contada por Flávio Marinho em "Oscarito — O riso e o siso" (Record), e Sérgio Cabral é autor de "Grande Otelo — Uma biografia" (Editora 34), em que percorre a infância do ator, em Uberabinha; o mundo do circo e das companhias teatrais da década de 20; e o universo do teatro de revistas, do rádio, do cinema e da televisão. Cabral

Arquivo



GRANDE OTELO: o ator é tema de livro do jornalista Sérgio Cabral

conta como o talento foi o fio tênue a gular a vida de Grande Otelo, que foi menino de rua e equilibrou-se entre a vocação para os palcos e a boêmia.

Outra história de vida fascinante, finalmente retratada em biografia, é a do cronista Rubem Braga. No livro "Um cigano fazendeiro do ar" (Globo), do jornalista Marco Antonio de Carvalho, a vida de Braga é contada a partir, sobretudo, das informações colhidas em 267 entrevistas. Em mais de 400 páginas, Carvalho (que morreu antes de ver o livro impresso) conta histórias saborosas do escritor, que, nos Idos dos anos de 1960, tanta influência teve na vida literária carioca. Outra biografia (literalmente) de peso é "Einstein — Sua vida, seu universo" (Companhia das Letras), do jornalista Walter Isaacson, escrita com base na coleção de cartas divulgadas em 2006, duas décadas após a morte da enteada do gênio da ciência no século XX. Nas cartas, vê-se um Einstein avesso a dogmas, com espírito rebelde — a intimidade, enfim, do homem que revolucionou uma era. *(Da redação)*

